

Acampados no Acampamento João Canuto

Tucuruí PA

30

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**



COORDENADOR GERAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida

EQUIPE DE PESQUISA

Jurandir Santos de Novaes
Rosa E. Acevedo Marin

EDIÇÃO

Jurandir Santos de Novaes
Rosa E. Acevedo Marin

FOTOGRAFIA

Rosa E. Acevedo Marin
Jurandir Santos de Novaes

GEORREFERENCIAMENTO

Rosa Acevedo Marin
Jurandir Santos de Novaes

TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS

Thamirys de Paula Cassiano de Matos

CARTOGRAFIA

Thiago Alan Guedes Sabino
Elaboração dos Croquis pelos agentes sociais
que participaram das oficinas

COLABORADORES

Esmael Rodrigues Siqueira
Jânio Gomes dos Santos

PROJETO GRÁFICO

CASA 8

Participantes da oficina no Acampamento João Canuto Afonso dos Santos, Antônio Francisco dos Santos, Antônio Francisco dos Santos, Antônio Juviana Cunha, Antônio Reis Coelho, Dalila da Silva Reis, Esmael Rodrigues Siqueira, Estevão Benedito, Fabricio de Jesus Batista, Francisca Alves dos Santos, Francisca da Conceição, Francisco Iza de Souza Gusmão, Francisco Alves Medeiros Filho, Francisco dos Anjos Lopes, Ilma Soares Silva, Irene Maria da Conceição, Isabel da Luz Silva, Jacy Nunes dos Santos, João Ribeiro Silva, João Rodrigues Sousa, José Alves do Nascimento, José Carlos Alves Sousa, José Correia de Sousa, José Ribamar Silva, Jucilene Fernanda Santos, Luciara Lima da Silva, Maria da Silva Brito, Maria das Graças Alves, Maria de Nazaré de Souza Gusmão, Maria Edna dos Santos, Maria Léia Lima da Silva, Maria Lucia Pereira Leite, Maria Rita de Jesus Silva, Odorico Meireles, Paulo Farias dos Santos, Priscila Silva da Costa, Raimundo Nonato da Silva, Raimundo Pacheco Nogueira, Raimundo Valdemir Conceição Martins, Vicente Ferreira dos Santos

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais : acampados no acampamento João Canuto, Tucuruí - PA, 30 / coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin. – Manaus : UEA Edições, 2014.

12 p. : il. color. ; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-316-9

1. Conflitos sociais. 2. Agricultores – Pará. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811.5)



Participantes da oficina no Acampamento João Canuto estudam a imagem oficial da “região de Tucuui”, junho/2013

Desde 2002 organiza-se o Acampamento João Canuto, situado a 18 quilômetros da cidade de Tucuui, e hoje formado por 62 famílias que aguardam os procedimentos de titulação por parte do INCRA. Estas famílias mostram com orgulho as hortas que abastecem a cidade, embora com limitações pela falta de apoio para plantio, acompanhamento técnico e comercialização.

A existência do acampamento é cercada da ameaça das madeireiras no setor que denominam de ressacas. Agricultores tradicionais, migrantes, desempregados continuam aguardando por políticas de regularização fundiária.

“O nosso acampamento, a nossa comunidade é tudo junto”

“Hoje são 62 famílias, eram 66, houve algumas desistências. A gente foi buscar a prefeitura, a câmara da prefeitura, os vereadores prá poder então conseguir a constituição de uma associação, prá poder ganhar o poder de uma pessoa representar o Acampamento lá fora, porque aí então já se tratava de uma grande quantidade de gente, que numa reunião não poderia ir 20, 30 pessoas ao INCRA, mas um representante da associação representava todas as famílias. Tivemos a dificuldade da burocracia, da questão de cartório, porque é muito difícil se constituir uma associação onde não tem um endereço fixo. Então eu tive que entrar no DNIT, no DNER, pegar autorização de estar aqui, trazer juiz da Vara Agrária aqui, e então tirar um laudo que pudesse provar



Maria de Fátima da Conceição com netos e vizinhas participam da oficina, junho/2013

que a área pertence ao governo federal, que a nossa família poderia entrar aqui, se alojar não no interior da fazenda, mas na área do DNIT prá possibilitar o cartório fazer os registros de ata e estatuto. E também tivemos que criar um estatuto pela área que nós estamos que é uma área ambiental, e tinha que ser um estatuto modificado. Até então os estatutos tem um regimento de 4 a 5 páginas e o nosso tem 14, custou uma fortuna prá gente fazer isso”. ANTÔNIO REIS COELHO, JUNHO/2013

“Essa luta vem há 12 anos. O Acampamento surgiu dia 22 de maio de 2002, um rapaz, o Edvaldo de Souza Tavares, ficou como padrinho, ele é até falecido hoje, liderança do Movimento dos Sem Tetos. É em homenagem ao João Canuto, e ele criou esse Acampamento, descobrindo essa área que é considerada da União. Nessa época foi criado o MST de Tucuruí, movimento dos Sem Terras de Tucuruí, e o primeiro estatuto que foi criado, foi o nosso, da nossa ocupação. Então, ele entrou pra cá com 63 famílias, no dia 08 de março de 2003”. ANTÔNIO REIS COELHO, JUNHO/2013

“Quando a gente subiu no Acampamento, nós reuniu as treze famílias pra nós vir pro acampamento e nós tinha aquela esperança que nós ganhava o direito da terra. Mas pra nós chegar aqui foi uma dificuldade muito grande! Seu Francisco arranhou um caminhão que dava entrada de ar de 10 em 10 min. Nós saímos de Tucuruí às duas e meia da manhã e viemos dar entrada aqui só cinco horas da manhã, mas chegamos e subimos pra cá, começamos fazer os barraquinhos. Começamos a fazer os barracos, nós. Fizemos primeiro um barracão maior mais lá na frente. Depois fizemos mais dois aqui. Era como seu Antônio falava, um barraquinho só abrigava quatro, cinco famílias



Maria Rita de Jesus Silva mostra o forno

dentro, porque nós não tinha espaço pra fazer nosso barraco. Então, eu subi porque eu senti, assim, um pensamento de um dia possuir um pedaço de terra pra trabalhar, foi o que fez eu subir o Acampamento de terra João Canuto e ter orgulho dele, é muito importante pra mim. Com a fé em Deus e eu espero que nós vamos receber o nosso pedaço de terra aqui nele pra trabalhar. Foi uma dificuldade muito grande, nós ouvimos muitas propostas feia, mas que Deus amenizou todas elas e hoje nós está bem mais melhor, graças a Deus!”. JOÃO RODRIGUES DE SOUZA, JUNHO/2013

Nossa moradia, graças a Deus!

“Eles dizem que é Rosa de Maria (falando sobre as flores), outros dizem que é Coração de Jesus, eu não sei, eu não entendo, não. Eu trouxe essa planta de Tucuruí, na entrada da minha casa também se enfeita também, eu trouxe pra cá também pra enfeitar a igreja e devagarzinho vou enfeitando a igreja. Vamos. Vai entrar? Pode entrar. Aqui é o nosso barraco, a nossa moradia, graças a Deus, agradeço muito eu hoje estar aqui no João Canuto, eu mais essa garotinha e outra maior de 10 anos, sou viúva e estou aqui tentando pra um pedacinho de terra pra adiante. Aí é só a dormida da moçada, dois rapazes que eu tenho. É, é o quarto dos meninos. A cozinha é aqui, está meio apertadinha, pode entrar. Está assim meio bagunçada, aqui é o lugar da dormida, coloco um paninho ai, é da dormida. É o fogãozinho de lenha. As panelas todas limpinhas, pois é, e as lenhas ali. Ali é o fogãozinho de fazer o café (fogão a lenha a o lado do fogão a gás) porque eu faço o café de manhã, porque no inverno demora muito pra acender o fogo, as meninas vão pro colégio cedo, tem dias que elas vão de manhã, tem dias que elas vão à tarde, mas sempre elas vão à tarde”. IRENE MARIA DA CONCEIÇÃO, JUNHO/2013

A saída foi tentar sustentar essas famílias através de hortas

“Na questão da sobrevivência das nossas famílias. Na época o INCRA não forneceu as cestas básicas pro seu Francisco. Ele foi em Marabá atrás de cesta básica pro Acampamento; na época, nós fomos na intenção dos funcionários do INCRA de fornecer, a fim de mobilizar o nosso acampamento porque eles não aceitavam a nossa reivindicação da área. E aí a saída foi tentar sustentar essas famílias através de hortas porque é um plantio rápido, 35, 45 dias, 60 dias, e além de tirar pro seu próprio sustento, pra fazer o seu dinheirinho, pras pessoas comprarem alguma coisa e se manterem aqui. Precisava ter pelo menos 30% das famílias acampadas, pela questão de tamanho da área e teve de haver essa queda de braço entre o INCRA e nós pra manter essas famílias equilibradas aqui dentro. É uma vergonha a gente falar do órgão, muita gente vê aquela sigla lá INCRA, não sabe nem o que é, mas é sediado pra ele pra tentar buscar um pedaço de terra e na hora só com massacre, um descaso público muito grande. E quando se consegue ter liderança que busca o conhecimento e, graças a Deus, ter parceria com outras pessoas que tem o conhecimento da Legislação da República Federativa do Brasil, aí vai apertando eles, colocando eles nos seus devidos lugares e é isso que a gente tem tentado fazer aqui. Como? O próprio INCRA fez uma documentação em Tucuruí, dizendo não ter interesse na área, que a área não produzia. Então, tivemos que produzir, tivemos que ocupar a área, plantar, produzir, trazer juiz pra ver que realmente acontece

a produção, se hoje nós temos um laudo todinho que é dessa posse, é da consciência da parte do movimento”. JOÃO RODRIGUES DE SOUZA, JUNHO/2013



“Eu tento incentivar as famílias por isso. Se todas as famílias aqui tivessem trabalhando com a horta, nós teríamos aqui uma média por família de no mínimo 300 reais por semana, porque a demanda de Tucuruí é muito grande, eu levo em torno de 250 reais de verduras e as pessoas só faltam me baterem lá porque não dá nem pra começar a atender a demanda que é tão grande lá. Então, eu tenho tentado buscar junto com as federações, principalmente a Pastoral da Terra, nessa questão de incentivar as pessoas nessa questão da horta e eu posso te dizer assim que, no mínimo, uma família aqui teria uma renda de 750 reais por dia, uma questão de família, se tivesse todo mundo trabalhando com horta. Eu acredito hoje que se tivesse essa política da agricultura familiar junto com MDA, com a CONAB, porque pra quem não tem o conhecimento...Pra que quê eu to citando isso? Porque a CONAB e o MDA, o MDA tem uma programação de nove mil e poucos reais pra cada família. Isso significa que ele compra toda essa produção que essa família tem, sem a família se preocupar em vender em



João Rodrigues de Souza apresenta a horta do Acampamento João Canuto, junho/2013

um outro local. Tá entendendo? O MDA tem isso. A CONAB tem uma participação de 70% dessa demanda e o melhor é que eles doam as entidades da sua própria região, inclusive, a própria associação pode ganhar com isso e a prefeitura tem 30% dentro desse processo na merenda escolar, nos hospitais, nessa questão toda. Então, o que precisa nós em acampamento é uma estrutura que tenha uma demanda que possa manter as necessidades lá fora, e aí onde vem a incentivação pra que se tenha essas hortas, porque se eu trabalho com tomate, aquele com a cenoura, aquele com o pimentão, outro com a beterraba, aí vai incluir todos os itens com a merenda escolar, aí não tem a necessidade de dois supermercados buscarem em Goiás e nem o prefeito buscar em outro município. Mas, pra isso é preciso ter uma política, é preciso ter um conhecimento, é preciso ter agrônomos que venham e façam as palestras de incentivação. Eu faço a minha parte, eu com meu pouco conhecimento vou lá e planto, se a senhora for lá, viu. No inverno não se produz alface, mas nós produzimos alface, temos uma técnica que nós criamos lá e produzimos alface, agora eu digo assim, senhora, se nós tiver 50 famílias fazendo aquela produção de alface, o que não teria de pessoas hoje buscando em seus carros aqui dentro. Então, eu enxergo ainda, eu não sei se é porque eu sou de Goiás, região de horta, eu enxergo que é a saída da agricultura familiar pra Tucuruí, porque eu não vejo outra saída. A madeira acabou, assentamentos a tantos quilômetros da cidade, assentamentos que você só consegue ir pro centro pra ir explorar lá dentro, você com 20% tentar criar uma vaca, tentar criar animais (...). Que você vai produzir, o quê? Que você vai passar um ano, um ano e pouco e não vai produzir uma coisa de um animal desse, enquanto a horta em 35 dias você vai ter produzido. Eu tenho questionado isso em palestras, em reuniões com a prefeitura, eu já trouxe aqui o diretor da SAGRI lá de Belém, eu já trouxe o Secretário de Direitos Humanos pra eles verem como é o conhecimento, pra ver se eu consigo no dia que dizem assim: 'Esse senhor recebeu o seu lote e ele não ir lá e ser um infrator pra derrubar alqueires e alqueires de mata pra virar juquirá, pra vender amanhã madeira pro madeireiro, pra vender pro fazendeiro, pra ir embora porque ele não conseguiu sobreviver com o arroz que ele plantou ali'. Então, eu entendo que seja a saída, posso até estar enganado, porque eu venho de uma região de horta e estou numa região aqui em que o pessoal só pensa em gado". RAIMUNDO VALDEMIR CONCEIÇÃO MARTINS, TUCURUÍ, JUNHO/2013

"Nós não usamos medicamento nenhum. Eu vou chegar daqui com um produto orgânico com aquelas folhas de couve que as lagartas comeu alguma coisa, ele vai deixar essa que a lagarta comeu e vai apanhar aquela que tá limpinha, só que a lagarta comeu e não morreu porque ela comeu produto orgânico, que você também vai comer e não vai morrer. Então, isso acaba tendo um custo maior, e também a técnica de você de você fazer o seu insumo com fumo, com álcool, com sabão, com seus próprios produtos, que você consegue manter o equilíbrio de espantar as pragas e tendo uma vegetação próxima da horta, que você está colocando elas pra lá e não matando elas, transferindo prá um local onde realmente elas deveriam ficar". ANTÔNIO COELHO - JUNHO/2013

"É uma preservação, porque nós estamos aqui não pra bagunçar as nossas florestas. Nós estamos aqui pra zelar, é uma família competente, treinada e capacitada pra viver aqui dentro dessa área sem destruir, é o nosso sonho" RAIMUNDO VALDEMIR CONCEIÇÃO MARTINS, ACAMPAMENTO JOÃO CANUTO, JUNHO/2013

"Só que, nós só estamos representando o grupo, na verdade tem a opinião de todos aqui"

"Nós só estamos representando o grupo, na verdade tem a opinião de todos aqui. Alguém chegou e disse: 'Bota isso aqui que fica melhor!'. Então, eu considero que seja de todos que estão aqui presentes. Aqui é a frente do local do nosso acampamento; a subida; as hortas, os barracos que é o nosso acampamento; a Igreja que representa aqui a nossa comunidade cristã, o pé de castanha-do-pará. A caixa d'água que nós tem água aqui encanada, mesmo com todas as dificuldades, pas-



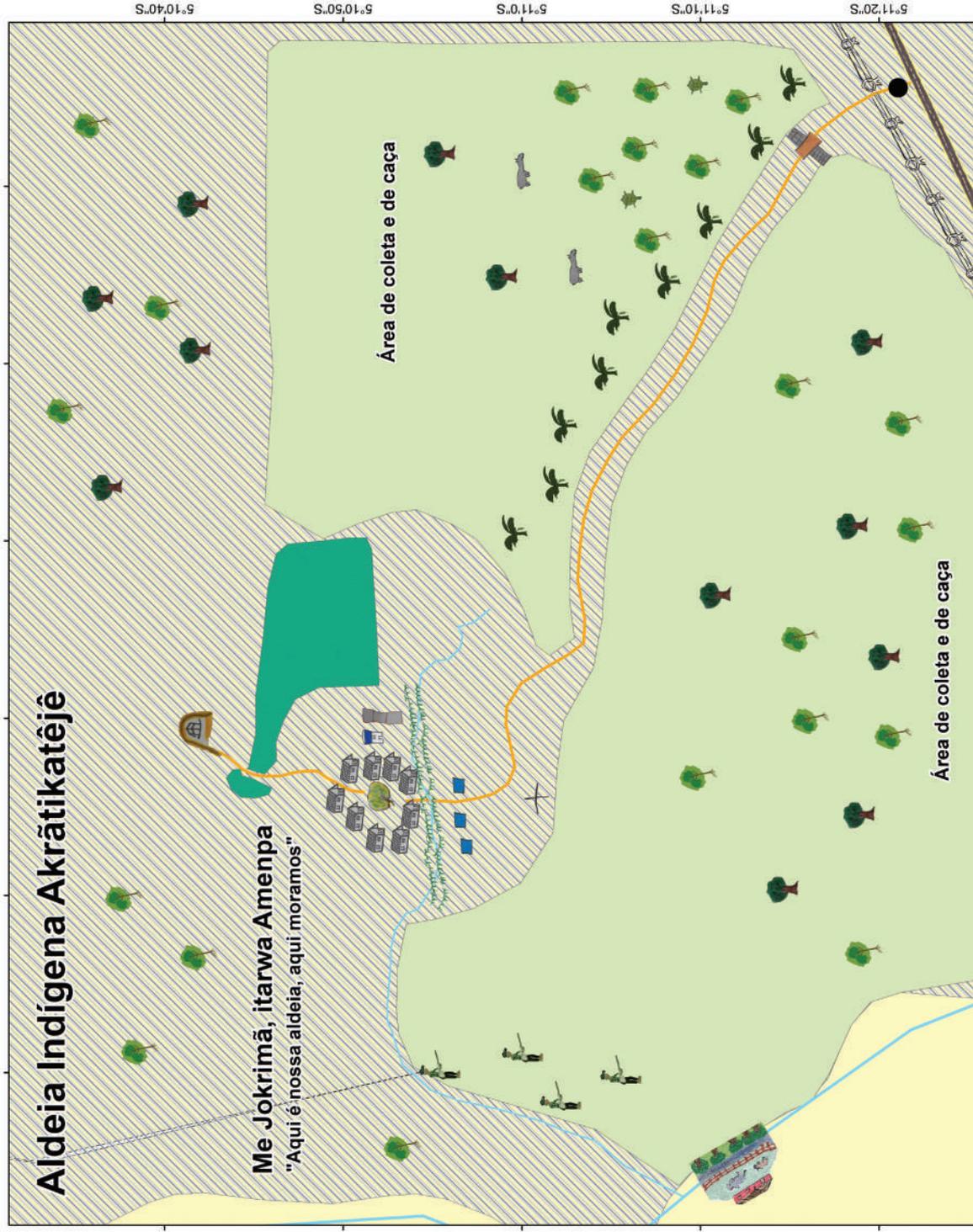
Acampados elaboram croqui do Acampamento João Canuto durante a oficina de mapeamento social, junho/2013

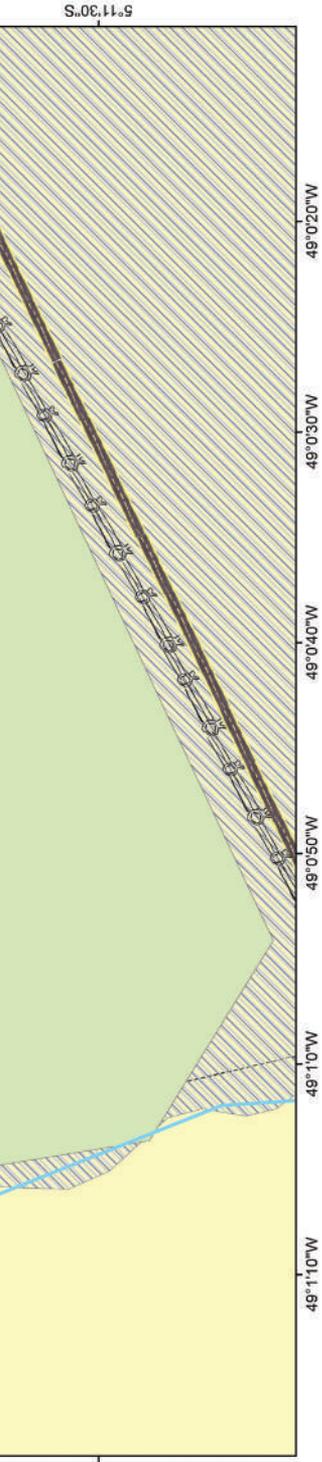
sando os barracos, as nossas nascentes, os nossos animais da nossa fauna brasileira, que no caso é o jabuti, os pássaros, os veados como alguém conhece, ou servo como queira falar, a raposa, a onça pintada, o mutum, o coelho, bem-te-vi. Bananeira com cacho, ela tá assim meio torta pra cá, porque o cacho já tá maduro e já tá bom de tirar, beterraba, couve, cenoura, um pé de cana. Então, isso aqui é a nossa rodovia, a BR 422. Esse lado de lá é a fazenda vizinha aí, aqui é representação da vegetação do Acampamento. Na representação disso aqui são todos que deram uma opinião. Então, foi o máximo de alegria que nós podemos colocar aqui, por isso está bastante colorido. De verdade, o que eu quero é que a gente consiga o mais rápido possível a gente pegar o nosso pedaço de terra, prá gente tentar levar a nossa vida com dignidade, como nós merecemos, porque é um direito nosso. Porque aqui não tá nem a metade do que nós temos aqui na nossa floresta, porque tem animais, tem paca, não tá nem a metade, aqui são só umas coisas que nós conseguimos colocar e achamos mais fácil colocar (...) pra ganhar um pedaço de terra, pra dar pros nossos filhos um futuro, pros nossos netos, que eu já tenho neto, com 44 anos. O que nós quer é nosso pedaço e terra pra viver o resto de nossas vidas e dar um futuro melhor pros nossos filhos e netos. Porque alguém do INCRA uma vez falou talvez assim que isso daqui era improdutivo, então a prova aqui dessas coisas que é daqui. E esse símbolo aqui que parece uma taça, é a entrada de uma área verde que é da ADEPARÁ, eu não quis fazer o prédio porque prá mim o interessante era mostrar aqui, esse verde aqui é capim e o azul é o lado de cá. Por trás desse morro é essa água aqui, o lago que passa por trás e está nessa ponte aqui” RAIMUNDO VALDEMIR CONCEIÇÃO MARTINS - JUNHO/2013



Sementes de andiroba coletadas no Acampamento João Canuto

dos pela Eletronorte para a construção da UHE de Tucuruí





Mudanças ocorridas decorrentes dos projetos

- Período de colheita
- Brincadeiras: Não se sabe o tempo
- Língua
- Falta de água potável: os poços e os rios estão secando
- Terra Indígena (TI) Mãe Maria
- Sudeste paraense
- Área de caça e coleta
- Área de Roça
- Áreas desmatadas (Prodes 2007-2012)
- Área urbana
- Hidrografia

- Limite Municipal
- Rodovias
- Estrada de Ferro Carajás
- Estrada da Aldeia
- Entrada da Aldeia
- Aldeia
- Sub-estação da Eletronorte
- Projetos de Assentamento

Equipe de Pesquisa:
 Jurandir Santos de Novaes (PNCSA/UFFPA)
 Rosa Elizabeth Acevedo Marin (PNCSA/UFFPA)

Pontos de GPS:
 Jurandir Santos de Novaes e
 Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Cartografia e Edição Gráfica:
 Thiago Alan Guedes Sabino (PNCSA/ UFFPA)

Arte-finalização de legendas:
 Thamirys Di Paula Cassino de Matos (PNCSA/UFFPA)

Realização:
 Associação Indígenas Akkrátikatêjê
 Belém, Julho /2014

Acampados no Acampamento João Canuto,



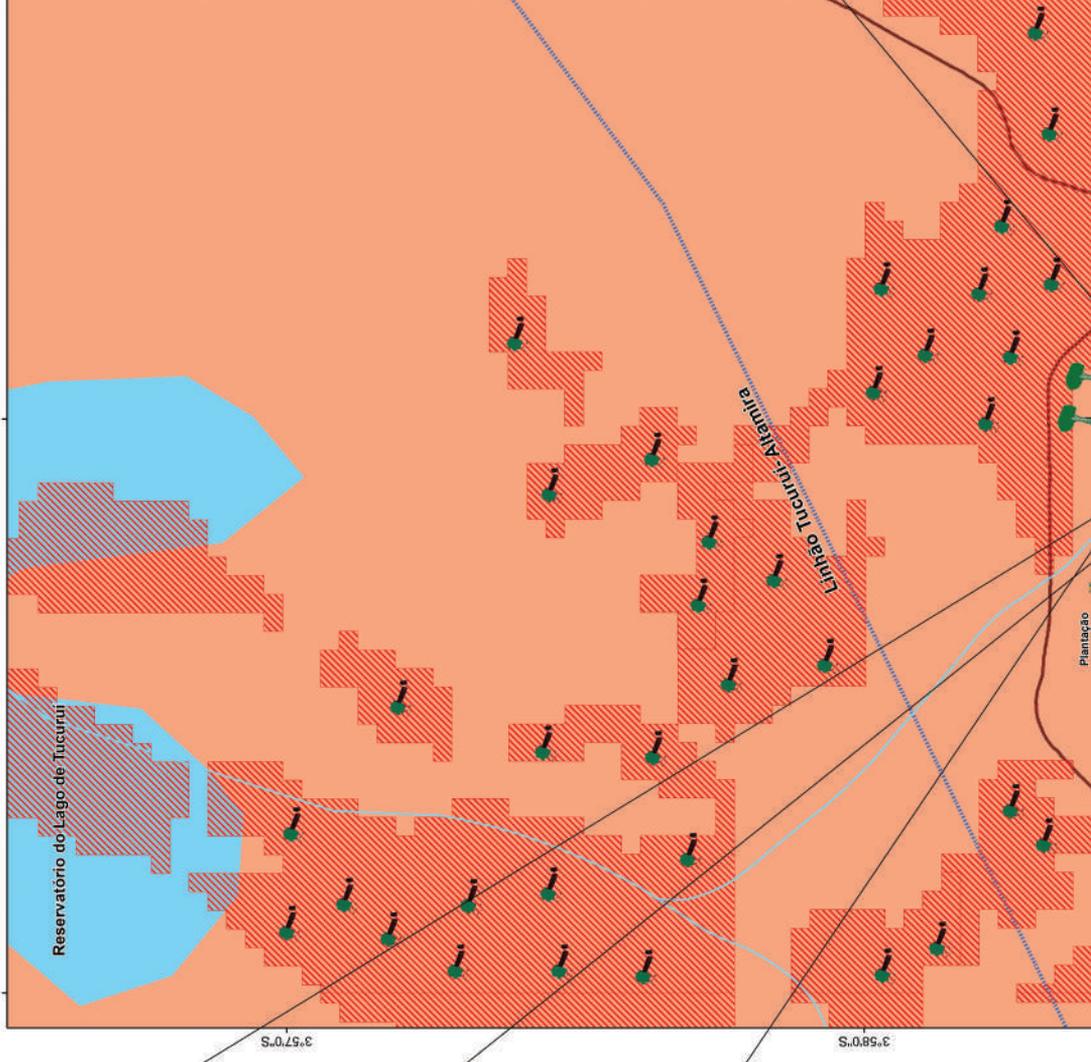
Casa no Acampamento



Lavador



Igreja e Escola





Horta

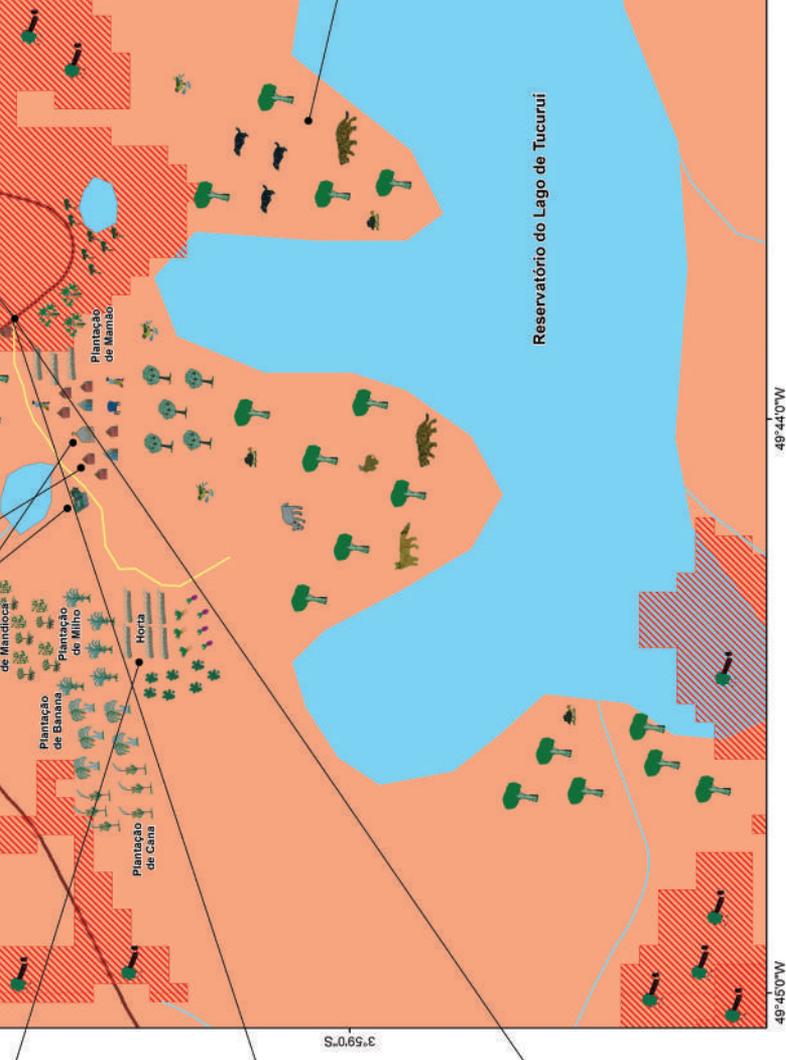


Chegada ao Acampamento



Entrada do Acampamento

Apoio



Nova Cartografia Social da Amazônia

Projeto Mapeamento Social como instrumento de Gestão Territorial contra o processo de capacitação de Povos e Comunidades T





Croqui do Acampamento João Canuto mostrando a organização do espaço e ao fundo a área de ressaca, junho/2013



Priscila Silva da Costa, Raimundo Valdemir Conceição Martins e Antônio Reis Coelho apresentam os croquis, junho/2013

“Aqui é o caminho da nossa horta, aqui tem a caixa d’água. Aí tem a casa do seu João ali, os pés de cana, uma árvore que tem lá atrás, aqui é aquela nascente que tem, e aquela outra que fica lá atrás tem os canos que traz a água pelos canos da caixa de água pra gente, aqui é o lavador que a gente lava roupa, e aqui é o caminho pra gente vir pra essa nascente. Aqui tem outra nascentezinha no caminho da horta, aí sobe o morrinho e chega na nossa horta, pronto. Na nossa horta temos coentro, cebolinha, alface, couve, pimenta de cheiro, quiabo, maxixe, jiló, muitos outros legumes”. PRISCILA FERREIRA DE SOUZA, JUNHO/2013

“Aqui é a representação dos nossos barracos, da nossa comunidade, então tá aqui o nosso acampamento é tudo junto, graças a Deus, nós somos as pessoa que vive tudo numa união, mais do que isso, da comunidade Nossa senhora da Conceição, a nossa igreja, o lugar de nós se manter. Aqui é o morro onde o nosso acampamento é feito”. ANA, 09/06/2013

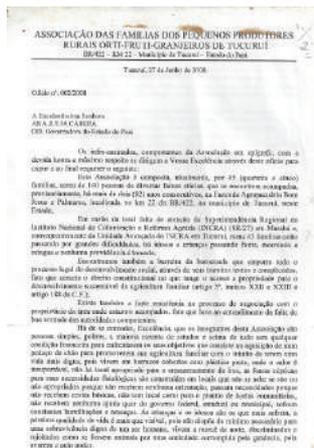
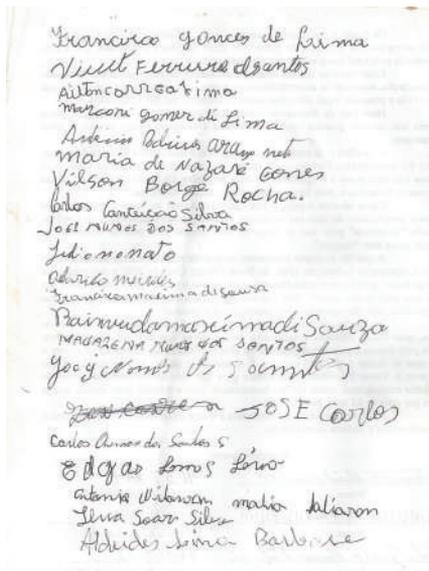
“Na verdade o que a gente ver aqui é uma modificação, porque na verdade já tem uma igreja, quando foi feito o acampamento, isso aqui era só vegetação e os barracos eram de lona preta, onde as famílias ficavam várias famílias em um só cômodo pra amenizar a situação. Aí foi evoluindo, foi fazendo assim, ele desenhou mais ou menos como se fosse a cobertura da palha que não existia na época, porque era a lona preta né pra facilitar mais a tolerância sobre o espaço né e aí já veio a igreja que já é desde quando nasceu a Comunidade Cristã Católica Nossa Senhora da Conceição, foi dia 30 de maio de 2009. Inclusive, até a gente comentou no dia de uma programação que aconteceu aqui e a diferença agora é que eram apenas 13 famílias que subiram ao Acampamento e agora chegamos até 62 famílias. Daí, então, algumas famílias entram, outras famílias saem, mas a gente manteve pelo menos o equilíbrio do acampamento”. ANTONIO REIS COELHO, JUNHO/2013

Estratégia para conseguir água

“A gente, quando nós acampamos aqui, cada um pegava a sua vasilha e ia nos seus locais aí e aí pegava a sua água da sua forma né e aí eu preocupado com uma grande quantidade de gente sem ter um local pra fazer as suas necessidades fisiológicas. Eu tive que buscar uma estratégia de como conseguir água. Por sorte nossa, tem uma nascente que fica aqui mais ou menos 360 e poucos metros. Eu coletei água dessa nascente e pedi ajuda ao Dr. Ari, um rapaz da universidade aqui na vila e ele fez lá as pesquisas, inclusive, foi material pra Belém e aí a gente viu que tinha uma grande facilidade essa água, mas tinha um pequeno problema, aquelas folhas secas que caem lá não dão problema, não mata ninguém, não prejudica, não tem nada, mas tinha uns caramujos que a partir do momento que a gente fosse fazer as represas seria os caramujos. Aí a gente teve que bolar como fazer a possibilidade de pegar essa água por gravidade, né, pra que ela viesse e tivesse um depósito de água pra que ela despachasse rapidamente pra não houver a necessidade da água ficar lá acumulando e criar lodo e criar insetos, essas coisas assim. E tem um engenheiro da prefeitura. Ele disse assim: ‘A gente vai fazer o mapeamento lá e a gente vai ver o que a gente faz’. Então ele veio aqui e nós fizemos esse processo, graças a Deus, e foi aprovado e o prefeito nos ajudou com a caixa, com as tubulações e os profissionais que vieram nos ajudar na encaiação. Então, hoje nós temos uma água perfeita, sem problema nenhum, água potável mesmo”. ANTÔNIO FRANCISCO DOS SANTOS, JUNHO/2013

A luta junto às instituições

“Eu consegui levar a Secretaria dos Direitos Humanos até a Comissão de Justiça e Paz, os padres, tem um grupo europeu aí da Igreja Católica que nos acompanha, pagam os advogados que nos ajudam e eu consegui levar esse pessoal lá e hoje, graças a Deus, além de nossos alunos, essas crianças também, tem um ônibus que se estende até lá e levam até lá na vila e hoje tem um atendimento melhor e assim não adiantava nada esse prefeito em suas cidades, não é só Tucuruí estender os ônibus pra buscar esses alunos, é ter um ensino melhor. Porque o aluno está lá naquela mata estudando, quando ele chega na sua quarta série, ele vem pra cidade, aquilo que ela aprendeu lá, foi o mínimo, não dá pra competir com as pessoas aqui na cidade, além da rejeição, do preconceito, aquela situação toda”. ANTONIO REIS COELHO, JUNHO/2013



O Acampamento: trajetórias de vida e de luta

“E baseado em todas essas consequências que eu adotei de haver regras no acampamento de não haver prostituição, não haver cachaça, não haver drogas, fazer desse acampamento um baldrame pra que as famílias de amanhã tivessem sustentados com uma cobertura, um teto que não fosse de vidro, que venha se quebrar. Então, eu acredito que a minha passagem por aqui, eu quero



Horta no Acampamento João Canuto, junho/2013

deixar como semente plantada e sair uma disciplina bíblica, que seja bem mais ampla de vida amanhã, coisa que eu não tive nessa idade. Ru que com 10 anos de idade já vaquejava na serra de São João de Goiás, descalço na areia quente pra sobreviver pra ganhar alguma coisa que pudesse ajudar a minha família e por esse motivo acabei virando um sem-terra nessa região, apesar de ter um certificado de mestre de obra. Eu entendi que aqui, eu vou ter uma qualidade de vida melhor, porque lá, na verdade, a dificuldade é bem pesada, é bem difícil. Então, do meu ponto de vista, eu penso assim, mas aí vocês vão ouvir outras pessoas né, as famílias que migradas de várias e várias regiões”. ANTONIO REIS COELHO, JUNHO/2013

“**Antonio Joviano da Cunha.** Nasci no Ceará, lá no Traque, desci pro Maranhão com a idade de 10 anos. Vim de lá pra cá, tô com 26 anos aqui no Pará, e tô aqui no Acampamento pra ver se eu consigo um pedacinho de terra, pra ver se eu consigo trabalhar um pouquinho, até o resto da minha vida aqui dentro do localzinho que nós vive aqui e tô com 51 anos”.

“**João Rodrigues de Souza.** Eu sou mineiro, nasci em Minas Gerais, o meu nome é João Rodrigues de Souza, tenho 40 anos já de Pará, me considero um paraense, o meu objetivo aqui é ganhar um pedaço de terra”.

“Sou **Francisco dos Anjos Lopes**, tô há 36 anos aqui no Pará, eu nasci no Ceará, vim e me criei no Maranhão e tô há 35 anos aqui no Pará. Então, os meus filhos são tudo paraenses, criei tudo aqui no Pará e já tô aqui até hoje, já trabalhei muito aqui nessas empresas, já tive até pelo garimpo e tô aqui a procura de uma terra e espero seja a terra prometida por Deus, que eu venho buscar e que Deus ajude que seja essa, pra que eu possa ficar tranquilo e viver o resto da vida”.

“Meu nome é **Francisco Alves Medeiros Filho**, piauiense, habilitado no Pará há 43 anos. Estou aqui no Acampamento, no Pará, Acampamento João Canuto na BR 420 e no Km 22, na

espera de um pedaço de terra pra me trabalhar, que Deus abençõe a mim e a todos e vocês todos que nos acompanham. Amém!”

“Eu sou **José Ribamar Silva**, nasci e me criei no Maranhão. Vim pro Pará em 2008, a procura de um pedaço de terra pra trabalhar né, espero ganhar né, se Deus quiser, e tenho 62 anos”.

“Meu nome é **Odorico Meireles**, eu sou do Mocajuba. Então eu tenho 63 anos, tô aqui, meu objetivo é ver se consigo pegar um pedacinho de terra pra ficar defendendo o pão de cada dia”.

“Eu sou **Raimundo Conceição Valdemir Martins**, sou nascido na colônia de Jariteua, município de Capitão Poço e passei por Paragominas. Morei um tempo; Dom Eliseu, Belém, São Miguel do Guamá, Ourém e agora tô no Tucuruí e tô aqui no Acampamento de João Canuto, esperando ganhar o meu pedaço de terra pra continuar o resto da minha vida e tenho 44 anos de idade”.

“Meu nome é **João Ribeiro Silva**, nasci no estado do Maranhão, vim pro Pará com dois anos de idade, tô com 52 anos de Pará, me considero como paraense, tô aqui no acampamento, já passei por Marabá, Belém, Imperatriz, meio mundo aí, e tô aqui no acampamento pra conseguir um lugar pra trabalhar”.

“Eu sou **Jacinto Nunes dos Santos**. Eu sou filho de Tucuruí, nasci em 1953, e tô aqui no João Canuto a fim de ganhar um pedaço de terra pra mim resolver a minha vida até o final”.

“O meu é **Antônio Francisco dos Santos**, nasci em Vila Rondon do Pará, Estou aqui em Tucuruí aqui, tô aqui em João Canuto aqui, esperando um pedaço de terra pra trabalhar. Tenho 24 anos”.

“**Francisco Ferreira dos Santos**, nasci no Ceará e tô aqui no Pará, igual os outros companheiros no objetivo de conseguir um pedaço de terra pra terminar de criar meus filhos e viver minha vida, tenho 59 anos”.

“Eu sou **Estênio Benedito**, nasci em Oeiras do Pará, já rodei esse mundo quase inteiro, hoje vim parar em Tucuruí, tô aqui de novo, de volta pro Pará. Tô aqui pretendendo ganhar um pedaço de terra, prá ficar aí até um bocado de ano, só isso”.

“Sou **José Cunha de Souza**, nasci no Maranhão, to aqui no Pará pra ganhar um pedaço de terra pra trabalhar”.

“Meu nome é **André Silva da Conceição**, nasci em Marabá, tenho 19 anos, e vim aqui pra conseguir um pedacinho de terra pra mim trabalhar também”.

“Eu sou **João Batista da Conceição**, eu sou paraense, eu vim aqui ainda pequeno e eu tô aqui pra um pedaço de terra”.

“Eu sou **Paulo Farias dos Santos**, nasci em Paragominas e vim pra Tucuruí, acabei migrando pra Tucuruí mais meus pais e meu objetivo é ganhar um pedaço de terra pra poder trabalhar também”.

“Meu nome é **Francisco Alves dos Santos**, nasci em Capanema no estado do Pará, paraense legítimo. Tive em Paragominas, de Paragominas vim pro Breu, do Breu estou aqui no Assentamento João Canuto, atrás de ganhar um pedacinho de terra pra sobreviver dele”.

“Meu nome é **Luciara Lima da Silva**, tenho 23 anos, nasci e fui criada em Tucuruí, meu objetivo é um pedaço de terra pra trabalhar”.

“Meu nome é **Fabício de Jesus Batista**, nasci no Maranhão, cidade de Imperatriz, vim embora pro São Félix do Xingu, de São Félix do Xingu vim pra Tucuruí, tô aqui no acampamento João Canuto, na esperança de conseguir um pedaço de terra pra mim trabalhar”.

“Meu nome é **José Alves do Nascimento**, nasci no município de Viçosa do Ceará, num lugar chamado Bari. Vim pro Maranhão no ano de 1950 e do Maranhão eu vim agora pra cá passear na casa da minha irmã aqui no Tucuruí, aí eu vim pra cá pro acampamento porque o marido dela é acampado. Aí eu não vim pra cá pra conseguir terra, vim só pra eu trabalhar com artesanato”.

“Eu sou **Maria Léia Lima da Silva**, sou criada e nasci aqui e tô a fim de conseguir um pedaço de terra pra eu trabalhar”.

“Meu nome é **Maria de Fátima da Conceição**, eu tô aqui porque quero ganhar um pedacinho de terra”.

“Sou **Raimunda Pacheco Nogueira**, nasci no Ceará e tô aqui no Acampamento João Canuto, num objetivo de ganhar um pedaço de terra pra mim trabalhar mais meus filhos”.

“Eu sou **Jucilene Fernanda dos Santos**, nasci em Maracajá, município de Repartimento, estou aqui com o objetivo de ganhar um pedaço de terra para meus irmãos”.

“Meu nome é **Maria das Graças Alves**. Sou nascida em Vargem Grande, de Vargem Grande vim pra Dom Eliseu, de Dom Eliseu cheguei até aqui no Acampamento de João Canuto, com o objetivo de ganhar um pedaço de terra para criar meus filhos”.

“Meu nome é **Maria Lúcia Pereira Leite**, eu nasci no Maranhão, aí eu fui criada em Tailândia. Mas aí agora tô em Tucuruí, aqui no João Canuto e o que eu quero é um pedacinho de terra pros meus filhos”.

“Meu nome é **Ilma Soares da Silva**, sou goiana, tenho 57 anos e tô aqui pra ganhar um pedaço de terra pra mim sobreviver”.

“Meu nome é **Marinalva da Silva Brito**, tenho 32 anos, morei no Maranhão, sou de Açailândia e vim pra cá pro João Canuto pra ganhar um pedaço de terra”.

“Meu é **Irene Maria da Conceição**, sou filha do Piauí, município de Buruti dos Lopes. Vim em 75 pra cá pro estado do Pará. Aí vim com a família, hoje sou viúva, tô aqui no João Canuto, mas eu não sou cadastrada, tô segurando um pedaço de terra pra meus filhos que eu já tô velhinha, não aguento mais trabalhar.

“**João Carlos Sarmiento de Souza**, vim pro acampamento João Canuto, pra esperar ganhar um lote, vamos esperar o INCRA cortar essa terra pra nós né, pra gente ter mais uma certeza pura e verdadeira pra gente poder plantar e colher, né velho, pra nossos filhos e netos seja mais quem for. Tenho 25 anos”.

“Meu nome é **Maria Rita de Jesus Silva**, nasci no Ceará, mas só fui criada no Maranhão, no município de Olho D’Água dos Cunha, o nome do interior é Bacuri da Linha, aí morei lá bastante tempo. Depois fui embora pra Açailândia e de Açailândia eu vim embora pra cá”.

Reivindicações

“Apesar de tão demorado o tempo por parte do governo federal, a gente tenta viver o melhor possível aqui dentro. De verdade, o que eu quero é que a gente consiga o mais rápido possível pegar o nosso pedaço de terra, pra gente tentar levar a nossa vida com dignidade, como nós merecemos, porque é um direito nosso. Nós não estamos aqui tomando nada de ninguém, o que nós quer é nosso pedaço de terra pra viver o resto de nossas vidas e dar um futuro melhor pros nossos filhos e netos”. RAIMUNDO VALDEMIR CONCEIÇÃO MARTINS

“O que a gente não tem é uma participação da parte do INCRA, não tem um colégio técnico pra ensinar e passar os filhos dos colonos e fazer os cursos de técnico agrônomo pra ensinar os seus pais. Não somos assistidos pelo INCRA, deveríamos ser. A gente busca fazer milagre de sobrevivência, nós estamos, caindo aos pedaços e as crianças fazendo as suas necessidades fisiológicas por trás das moitas e o professor lá tem que encarar aquela situação, porque senão o prefeito não paga o seu salário, não tem uma instalação básica para seus próprios professores, eles estão lá pra escapar, pra poder sobreviver. Incentivar as famílias para trabalhar na horta, porque a demanda de Tucuruí é muito grande. Então, eu tenho tentado buscar junto com as federações, principalmente a Pastoral da Terra, nessa questão de incentivar as pessoas pras hortas. Eu acredito hoje que se podia ter essa política da agricultura familiar junto com o MDA (Ministério do Desenvolvimento Social), com a CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento)”. ANTONIO REIS COELHO, JUNHO/2013

A alegria da avó que participa da oficina com seu neto



Contato

ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS DO ACAMPAMENTO
JOÃO CANUTO
BR-422, Km 22, Tucuruí, Pará
CEP: 68456-000
Telefone: 94 991 54 22 73

APOVO - ASSOCIAÇÃO DAS POPULAÇÕES VÍTIMAS DAS OBRAS NO
RIO TOCANTINS E ADJACÊNCIAS - APOVO
Rua Júnior Ribeiro Nº 95, Bairro Pimental, Tucuruí, Pará
CEP: 68459-060
Telefone: 94 991 84 59 89; 981 44 58 87



PROJETO

Mapeamento Social

ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS DO ACAMPAMENTO JOÃO CANUTO

ASSOCIAÇÃO DAS POPULAÇÕES VÍTIMAS DAS OBRAS NO RIO TOCANTINS E ADJACÊNCIAS - APOVO

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracaraí RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Curralinho PA
- 15 Invasão da acácia mangium nas terras indígenas de Roraima
- 16 Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC
- 17 Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade
- 18 Quilombolas de Cachoeira Porteira – Alto Trombetas, Oriximiná PA
- 19 Ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas – Rio Madeira RO
- 20 Identidade e território Pastana Yudja Juruna – São Félix do Xingu PA e Santa Cruz do Xingu MT
- 21 Indígenas na luta contra a devastação em seus territórios – Rio Cuieiras, Manaus AM
- 22 Quilombolas do rio Pacajá – Portel PA
- 23 Comunidades Quilombolas de Passagem e Peafú – Santarém e Monte Alegre PA
- 24 Extrativistas da RESEX rio Cajari em ação – Amapá
- 25 Aldeia indígena Akrätikatêjê – Pará
- 26 Quilombolas de Viana e Pedro do Rosário – Bornéu MA
- 27 Identidade e Território do Povo Indígena Xerente do Araguaia – Mato Grosso
- 28 Índios “isolados” na terra indígena Kaxinawá do rio Humaitá – Tarauacá AC
- 29 Movimento Kambeba: a resistência ao longo do tempo – São Paulo de Oliveira AM
- 30 Acampados no Acampamento João Canuto - Tucuruí, PA



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS DO ACAMPAMENTO JOÃO CANUTO
ASSOCIAÇÃO DAS POPULAÇÕES VÍTIMAS DAS OBRAS NO RIO TOCANTINS E ADJACÊNCIAS - APOVO

APOIO



UFOPA

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7883-316-9



9 788578 833169